



O USO INTENSIVO DE AGROTÓXICO - a nova face da questão agrária

Luciano Alves Pereira
Universidade de Pernambuco

Raimunda Aurea Dias de Sousa
Universidade de Pernambuco

Resumo

A questão agrária no Brasil, desde a consolidação do sistema capitalista, é marcada pela concentração de terra; todavia, é com o discurso da necessidade do aumento da produção agrícola devido ao crescimento populacional, que o capital produz na agricultura cultivos, que permitem ser produzidos em larga escala, de preferência, mecanizados. Essa realidade possibilita movimentar o mercado de máquinas, insumos químicos e sementes transgênicas, ao tempo que controla o campo, sem, necessariamente, apropriar-se da terra de forma direta. Nesse raciocínio, o presente trabalho tem por objetivo analisar a intensificação da questão agrária a partir da apropriação da renda da terra, mediante controle das relações de trabalho e do tipo de cultivo, que, por sua vez, exige tecnologias avançadas e uso de agrotóxicos, para, assim, aumentar a produção e produtividade no campo.

Palavras-chave: Campo; agrotóxico; agronegócio; questão agrária; agricultura.

INTENSIVE USE OF PESTICIDES – the new face of the agrarian issue

Abstract

The agrarian issue in Brazil, ever since the consolidation of the capitalist system, has been marked by land concentration; yet, it is with the speech about the need of a marked increase on agricultural production, in the aftermath of the exponential population growth, which the capital allows agricultural harvests to be produced on a wide scale, preferably automated. This realism makes it possible to move the market of machines, chemical inputs and genetically modified seeds, which controls the field without necessarily appropriating the land itself. Based on this reasoning, this paper aims to analyze the intensification of the agrarian issue

starting from the appropriation of the land income, through control of employment relationships and the type of cultivation, which, in turn, requires advanced technologies and use of pesticides to increase production and productivity in the field.

Keywords: Field, Pesticide; Agribusiness; Agrarian issue; Agriculture.

INTRODUÇÃO

O agronegócio, nos últimos anos, passou a ser a vitrine dos governos da América Latina, utilizada como a condição de “desenvolver” a cidade e, principalmente, o campo. Esse caminho, imposto pelos países ricos, seria a forma de integrar os países pobres ao mercado internacional cujo intuito consiste em movimentar suas economias, uma vez que o “novo” modelo traz como alternativa o uso de tecnologia seguida de pesquisas e de capacidade de gestão – fatores considerados decisivos para competição no mercado mundial. Desse modo, o aumento certo de produtividade elevaria o poder de consumo da população, especialmente, no espaço rural onde a pequena agricultura, sobretudo, a campesina é efetivamente considerada “atrasada” em virtude da falta de valor agregado de sua produção.

Assim, para consolidar o modelo agroexportador, a produção de alimentos, especialmente, feijão e milho, indispensáveis à população, fica comprometida em decorrência do controle de sementes por grandes empresas que, por sua vez, controlam o mercado de agrotóxicos imprescindível à expansão do agronegócio, notadamente, no Brasil. Dentre as empresas, podem ser citadas: Monsanto, Syngenta/Astra Zeneca/Novartis, Bayer, Dupont, Basf e Dow.

A reestruturação dessa “nova” política agrícola para o campo, ordenada pela política macroeconômica externa e da política agrícola interna, altera completamente o sentido da produção, assim como a escala de produção. Em Petrolina PE, a concretude dessa política, inicia-se com o Perímetro Irrigado Bebedouro¹ nos anos de 1960. Todavia, é nos anos de 1990, com o Perímetro Irrigado Senador Nilo Coelho que o agronegócio se consolida, mediante as exportações de frutas frescas e com ela a água, proveniente do rio São Francisco; logo o uso intensivo de agrotóxico passa ser indispensável ao aumento da produção com o discurso de redução da fome nos países subdesenvolvidos.

A necessidade de discutir a problemática envolveu, sobretudo, a reflexão crítica do modelo agrícola implantado no Brasil e em Petrolina nos últimos anos. Desse modo, a análise do capital financeiro na construção de impérios pelas empresas será imprescindível para esmiuçar o uso intensivo de agrotóxicos utilizado pela agricultura moderna, principalmente, após a instalação da Empresa Monsanto em Petrolina PE.

Foram desenvolvidas, também, práticas de campo que se definem na análise qualitativa/quantitativa por meio de um levantamento estatístico nos site: MAPA e IBAMA para entender o volume de investimentos da agricultura familiar e agronegócio e, desse modo, desvelar o movimento da economia pelo agronegócio

(máquinas, fertilizante, agrotóxicos, sementes transgênicas) em detrimento da agricultura familiar.

O modelo agrícola, pensado nessa perspectiva, intensifica a questão agrária, uma vez que a terra passa ser concentrada seja a partir da territorialização ou monopolização do capital no campo.

AGRONEGÓCIO: O NOVO DESAFIO DA QUESTÃO AGRÁRIA.

A questão agrária no Brasil ganha novos desafios nos dias atuais, tendo em vista a expansão do agronegócio¹ em todo o território nacional. Esse fato se reforça quando se observa que o Estado tem trazido essa ideia como “desenvolvimento” centrado na concentração de terras, nos monocultivos, na produção de *commodities*² para exportação e na destruição da agricultura familiar camponesa.

O capital internacional se consolidou no campo brasileiro nos últimos 20 anos, na medida em que os governantes preferiram monopolizar a agricultura brasileira e fazer do agronegócio o seu modelo de produção, desfavorecendo de forma minuciosa a participação da agricultura camponesa e facilitando a entrada de empresas multinacionais, que controlam o país em todos os setores.

Segundo Godeiro (2015), o Brasil é o segundo maior exportador de alimentos do mundo ficando atrás apenas dos Estados Unidos. Das exportações, 80% correspondem a soja, carnes, açúcar, etanol e café e, contraditoriamente, o Brasil é um dos grandes importadores de trigo e a quantidade de produção de alguns alimentos necessários para nossa alimentação como feijão, arroz e mandioca continua com o mesmo volume há 20 anos.

Destaca-se que a produção de *commodities* dificulta a soberania alimentar brasileira, já que a plantação de cultivos como soja e milho demandam extensões maiores de terras. Dessa forma, as poucas áreas destinadas aos plantios de produtos indispensáveis à alimentação como feijão, arroz e mandioca, estão cada vez menores. “O Brasil continua prisioneiro da produção em larga escala para o mercado mundial, secundarizando os alimentos para povo brasileiro”. (GODEIRO, 2015, p,17)

A produção de commodities (mercadorias) para o mercado mundial tornou-se objetivo primeiro da produção mundial de alimentos. Isto quer dizer que se produz para quem tem poder de compra esteja ele onde estiver no mundo. Ou

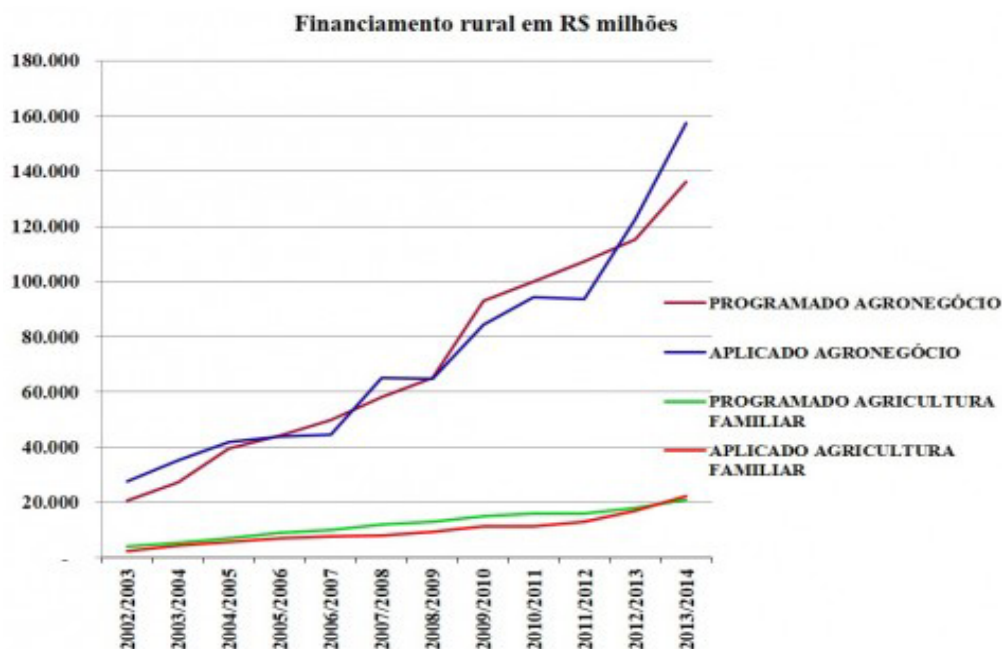
¹ O agronegócio nada mais é do que um marco conceitual de que delimita os sistemas integrados de produção de alimentos, fibras e biomassa operando desde o melhoramento genético até o produto final, no qual todos os agentes que se propõem a produzir matérias-primas agropecuárias devem fatalmente se inserir, sejam eles pequenos ou grandes produtores camponeses ou pequenos capitalistas, fazendeiros ou assentados. (MARCOS, 2008 p.196).

² Qualquer produto originário de atividade agropecuária, florestal ou pesqueira ou qualquer mineral em sua forma natural ou que tenha passado por processamento costumeiramente requerido para prepará-lo para comercialização em volume substancial no comércio internacional (Delgado, 2009 p. 128).

seja, a produção de alimentos não tem mais o objetivo primeiro de abastecer a população do estado nacional onde ele é produzido. (OLIVEIRA, 2008, P.6)

Godeiro (2015) aponta que o investimento feito no agronegócio subjuga a agricultura familiar, que, além de não ter recursos suficientes para produzir dentro da lógica capitalista, fica nas mãos dos atravessadores e das grandes redes de supermercados das empresas multinacionais. Mesmo diante da pressão capitalista, o censo agropecuário de 2006 mostra que a agricultura familiar responde por 70% dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros, mesmo a prioridade sendo para o agronegócio como se evidencia no gráfico que segue.

GRÁFICO 1. INVESTIMENTOS PROGRAMADOS E APLICADOS NO AGRONEGÓCIO E NA AGRICULTURA FAMILIAR NO PERÍODO DE 2002 À 2014.



Fonte: MAPA Disponível em <<http://www.agricultura.gov.br/vegetal/estatistica>> Acesso em 20 de Out de 2015.

A opção pelo modelo de produção agroexportador se explica ao analisar o gráfico 1. Entre os períodos de 2002 a 2014, vemos que há uma enorme disparidade nos investimentos realizados pelo governo. De acordo com Godeiro (2015), o agronegócio inicia-se nos governos de Collor e Fernando Henrique Cardoso, porém, consolida-se no governo de Lula e teve continuidade com o governo de Dilma.

A bancada ruralista se fortalece dificultando a Reforma Agrária e a produção na agricultura camponesa elevando os preços de alimentos como feijão e milho, ao tempo, que empresas como o grupo Maggi, BRfoods, Bunge, AMBEV, Cosan,

Coca-cola, JBS se desenvolvem. “A derrota do projeto de reforma agrária se deu sob o governo Lula, foi uma derrota que se deu a frio, com luvas de pelica e não através de repressão ao movimento, embora a repressão nunca tenha deixado de atuar nos conflitos no campo”. (GODEIRO, 2015, p.25)

O Brasil está dominado pelo capital internacional, que encontrou na agricultura formas de se reproduzir, seja pela concentração de terras ou pela inserção de tecnologias como as máquinas, sementes transgênicos e agrotóxicos. Aliados às empresas multinacionais, existem os Bancos que financiam o agronegócio e que determinam as normas de funcionamento da agricultura brasileira, por estarem ligados diretamente no processo de expansão do agronegócio, por isso determinam o que plantar, como plantar, a forma de trabalho e para quem comercializar.

A consolidação do modelo de produção atual acontece de acordo com os interesses econômicos e políticos de empresas e parlamentares ligados ao agronegócio que dominam o campo brasileiro. Esses, acreditam que somente o agronegócio tratará desenvolvimento para ao campo brasileiro via atividades não agrícolas, como turismo, indústria, assalariamento etc. É importante mencionar, que se esse modelo de agricultura resolvesse as mazelas sociais do campo e cidade não haveria miséria, não haveria fome.

AGRONEGÓCIO, A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS E O USO INTENSIVO DE AGROTOXICO

A expansão do agronegócio tem modificado a dinâmica produtiva na agricultura brasileira, especialmente, pela produção de insumos e por controlar os alimentos. Esse domínio fica a cargo das empresas como Monsanto, Syngenta/Astra Zeneca/Novartis, Bayer, Dupont, Basf e Dow, que encontram facilidades nos países subdesenvolvidos para se instalarem e propagarem a comercialização de produtos químicos no campo.

Deve ser ressaltado que substâncias proibidas no país de origem delas, são usadas, por exemplo, no Brasil sem nenhum tipo de restrição pelos órgãos que fiscalizam e controlam a entrada desses produtos no país. A multinacional Monsanto, uma das principais empresas do ramo de produtos químicos e de sementes geneticamente modificadas, está instalada em vários países. Ela é a fabricante do produto Glifosato, conhecido como “Mata Mato” pelos agricultores. Esse vem causando diversos danos à saúde humana e tem sido usado no Brasil, em vários estados principalmente nas culturas de milho e soja transgênico.

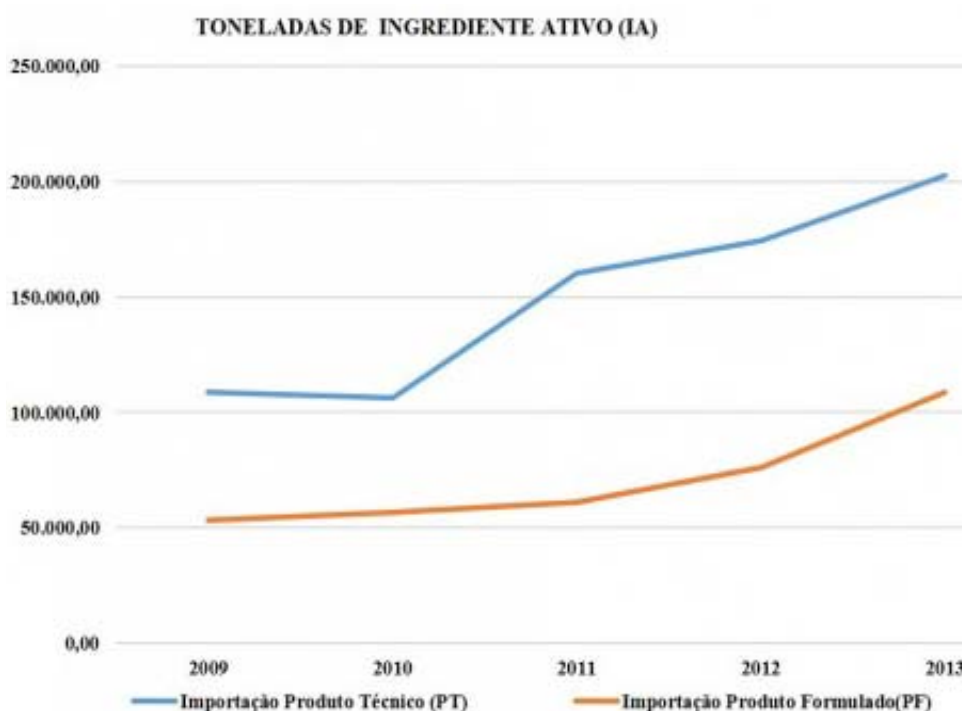
Segundo Bombardi (2012), O aumento do uso de agrotóxicos está associado a expansão do agronegócio. Isso se explica quando se analisa o mercado de exportações da cana-de-açúcar, do milho e da soja, cultivos que, antes, tinham em sua principal função a alimentação, hoje ganhou outro significado nos mercados internacionais e se tornaram espécies de *comodities*, ou seja, servem de matéria-prima para a produção de outros produtos, à medida em que se aumentam as

exportações, aumentam-se também as áreas de cultivos dessas monoculturas e, conseqüentemente, o uso excessivo de agrotóxicos.

No ano de 2008, o Brasil ganhou o primeiro lugar como maior consumidor de agrotóxicos. De acordo Londres (2011), o alto consumo de agrotóxicos pelo Brasil está associado a um conjunto de políticas que o país adotou na década de 1960 impulsionado pela Revolução Verdeⁱⁱ, que tinha em seu propósito acabar com a fome do mundo pelo melhoramento de sementes, uso de máquinas agrícolas, adubação química e uso de agrotóxicos para combater pragas e doenças. Nesse período, é criado no Brasil o sistema nacional de crédito rural que, praticamente, incentiva os produtores a comprarem agrotóxicos.

No gráfico 2, que segue, é possível observar a evolução de consumo de agrotóxicos pelo Brasil, que culminou com o título de maior consumidor mundial.

GRÁFICO 2. IMPORTAÇÃO DE INGREDIENTE ATIVO (IA)ⁱⁱⁱ NO PERÍODO DE 2009 A 2013



Fonte: IBAMA Disponível em <<http://www.ibama.gov.br/areas-tematicas-qa/relatorios-de-comercializacao-de-agrotoxicos/pagina-3>> Acesso em 20 de Out de 2015.

Os dados do gráfico 2 mostram que, ao passar dos anos, o país só consolida mais ainda sua posição de consumidor de agrotóxicos. A demanda por produtos químicos está associada à expansão do agronegócio, na medida em que aumenta

a quantidade de plantações de monocultivos, aumenta-se também o uso dessas substâncias.

A dinâmica que envolve a expansão do agronegócio, a concentração de terras e o uso intensivo de agrotóxico é um característica preponderante na região do submédio do vale do São Francisco especificamente nas cidades de Juazeiro-BA/Petrolina-PE, espaço em que a agricultura irrigada proporcionou o crescimento do agronegócio na região com a implantação dos projetos Senador Nilo Coelho Petrolina e projeto Curaçá em Juazeiro, ambos na década de 1980; as monoculturas de uva e manga exigem o uso frequentemente de água e o uso intensivo de produtos químicos para controle de pragas e doenças provocam vários impactos a natureza local.(RIGOTTO et al. (2015)

TABELA 1. CLASSIFICAÇÃO DOS 108 AGROTÓXICOS COMERCIALIZADOS NA REGIÃO DO VALE DO SÃO FRANCISCO.

Caracterização	Classificação	%
Classe de Agrotóxicos	Inseticida	56
	Fungicida	30
	Herbicida	7
	Regulador de crescimento	4
	Acaricida	2
	Formicida	1
Grupo químico	Organofosforado	25
	Piretroide	9
	Benzimidazol	6
	Triazol	6
	Neocotinoide	5
	Outros	49
Classificação Toxicológica	Extremamente tóxico	18
	Altamente tóxico	25
	Medianamente tóxico	38
	Pouco tóxico	19
Classificação Ambiental	Altamente perigoso	9
	Muito perigoso	44
	Perigoso	30
	Pouco perigoso	3
	Sem classificação	14

Fonte: DOSSIÊ ABRASCO (2015)

Os dados observados na tabela 1 mostram a realidade do mercado de agrotóxicos no vale do São Francisco. Existem mais de 50 lojas entre Juazeiro-BA e Petrolina-

PE, que comercializam agrotóxicos e fertilizantes agrícolas. Dentre essas podemos citar: Agropodas, Casa do colono, Boa terra, CAJ, Juagro, Rumo agrícola etc. Um dado muito importante a ser observado é que os maiores percentuais de produtos utilizados estão classificados como muito perigoso ao meio ambiente, e que são usados mais produtos de classificação toxicológica alta. Segundo dados do dossiê Abrasco são usadas os seguintes ingredientes ativos na região: Abamectina, Metamidofós, Parationa-metílica, Cimoxanil, Difenconazol, Famoxadona, Lambda-cialotrina, Azoxistrobina, Paclbutazol, Fenarimol, Carbosufano, Tebuconazol, Cianamida, dessas substâncias 77% são potencialmente carcinógenos e 31% potencialemte pré-cacinógenos, incluindo o Folisuper, o mais utilizado na região, mais de 23% dos trabalhadores na possuem orientação para compra de agrotóxicos, e 21% dos produtos recomendados não são registrados para as culturas. (RIGOTTO et al.,2015,p.163).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A opção pelo modelo agroexportador e a introdução de tecnologias na agricultura brasileira, transformaram as relações de trabalho e de produção de alimentos, possibilitando a criação e a manutenção de um sistema de cultivos voltado a atender o mercado mundial e os interesses de empresas internacionais.

Nesse sentido, o agronegócio tido nos “discursos” como grande produtor de alimentos recebe amplos recursos em detrimento à agricultura familiar que de fato coloca alimento na mesa dos homens e mulheres. Esta, por sua vez, para não perder a terra, é obrigada a entrar na lógica do mercado, especialmente, pela via do consumo de agrotóxico. Quando o pequeno produtor entra nesse caminho, a renda passa a ser extraída não por ele, mas pelo capital industrial e financeiro.

É importante reforçar, que o Brasil é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo, sendo que, a quantidade de matéria-prima importada para produção de agrotóxicos para os mais diversos usos, tem se intensificado ao passar dos anos, o que propicia uma expansão de empresas de capital estrangeiro no país.

Em Petrolina-PE, um dos grandes Polos desenvolvimentista da política do agronegócio, tem atraídas diversas empresas ligadas a cadeia que sustenta essa política. Assim, no Município há desde apropriação de grandes extensões de terras para monoculturas, como também, empresas ligadas a produção de agroquímicos e sementes transgênicas como é o caso da Monsanto.

REFERÊNCIAS

BOMBARDI, Larissa Mies. Agrotóxicos e agronegócio: arcaico e moderno se fundem no campo brasileiro. Disponível em: < <http://http://aao.org.br/aao/publicacoes.php>. Acessado em: 09 de Out. 2015.

_____. Intoxicação e morte por agrotóxicos no brasil a nova versão do capitalismo oligopolizado. Disponível em: <

<http://www.contraosagrototoxicos.org/index.php/noticias/41-agrototoxicos/149-intoxicacao-e-morte-por-agrototoxicos-no-brasil-a-nova-versao-do-capitalismo-oligopolizado>. Acessado em: 05 de Out. 2015.

DELGADO, Guilherme C. A questão Agrária no Brasil, 1950 -2003. In: JACCOUD, Luciana (Org.). Questão social e políticas sociais no Brasil contemporâneo. Brasília: IPEA, 2005, p. 51-90.

GODEIRO, Nazareno. Riqueza e pobreza no campo brasileiro: A luta contra o agronegócio no século 21. São Paulo: Editora Sunderman, 2015.

IBAMA. (2015) Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Disponível em <<http://www.ibama.gov.br/areas-tematicas-qa/relatorios-de-comercializacao-de-agrototoxicos>> Acesso em 20 de Out de 2015.

LONDRES, Flavia. Agrotóxicos no Brasil: Um guia para ação em defesa da vida. Rio de Janeiro, 2011.

MAPA. (2015) [Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento](http://www.agricultura.gov.br/vegetal/estatistica). Disponível em <<http://www.agricultura.gov.br/vegetal/estatistica>> Acesso em 20 de Out de 2015.

OLIVERIA, Ariovaldo Umbelino. Os agrocombustíveis e a produção de alimentos. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaagricola/25.pdf>>. Acessado em: 08 de Out. 2015.

MARCOS, Valéria de. Agricultura e Mercado: Impasses e Perspectivas para o Agronegócio e a produção Camponesa no Campo Latino-Americano. In: Campesinato e Territórios em Disputa org. Eliane Tomiasi Paulino & João Edimilson Frabrini. 1ª Ed., São Paulo: Expressão Popular: UNESP: Programa de Pós Graduação em Geografia, 2008.

MORAES SILVA, Maria Aparecida. Bioenergia e viabilidade da produção de alimentos para quem? Vol. 2, num 15. UNESP/Presidente Prudente SP: Revista Formação – Especial 20 anos, 2011.

RIGOTTO, Raquel Maria; CARNEIRO, Fernando Ferreira; AUGUSTO, Lia Givaldo da Silva; FRIEDRICH, Karen; BÚRIGO, André Campos . Dossiê Abrasco: Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Rio de Janeiro/São Paulo: Expressão popular, 2015.

Contato com o autor: Luciano Alves Pereira <lap.alves45@gmail.com>

Recebido em: 11/09/2015

Aprovado em: 20/06/2016

ⁱ De acordo com a CODEVASF, um Perímetro passa por três etapas: a) o **estudo** quando os aspectos técnicos de viabilidade e implantação ainda estão sendo analisados e detalhados; b) a **implantação que** é definida como o início real das obras; c) o estágio **em produção, quando** está em pleno funcionamento, assim recebe e recebe o nome de **Perímetro de Irrigação**. Para a Companhia, essas informações estão constantemente sofrendo novas alterações, pois o processo é dinâmico e os projetos, em sua maioria, são realizados por etapas. *Disponível em: www.codevasf.gov.br. Acesso em 24.02.2012.*

ⁱⁱ Modelo euro-americano de modernização agrícola, que se caracteriza fundamentalmente pela prática de uma agricultura altamente especulativa, voltada para o cultivo contínuo de produtos com maiores níveis de rentabilidade. Tal característica foi primordial para consolidar a monocultura nos países tropicais. Este modelo de produção atua a partir do controle da produção de sementes (sobretudo transgênicas), de fertilizantes e agrotóxicos, da produção agrícola propriamente dita e também da distribuição da mesma. (MORAES SILVA, 2006 e 2010).

ⁱⁱⁱ Ingrediente ativo (IA) = agente químico, físico ou biológico que confere eficácia aos agrotóxicos e afins. Divisão em: a) Produto Técnico (PT) = produto obtido diretamente de matérias-primas por processo químico, físico ou biológico, destinado à obtenção de produtos formulados ou de pré-misturas e cuja composição contenha teor definido de ingrediente ativo e impurezas, podendo conter estabilizantes e produtos relacionados, tais como isômeros; b) Produto Formulado (PF) = agrotóxico ou afim obtido a partir de produto técnico ou de pré-mistura, por intermédio de processo físico, ou diretamente de matérias-primas por meio de processos físicos, químicos ou biológicos. Disponível em: Acesso em: 01.10.2015